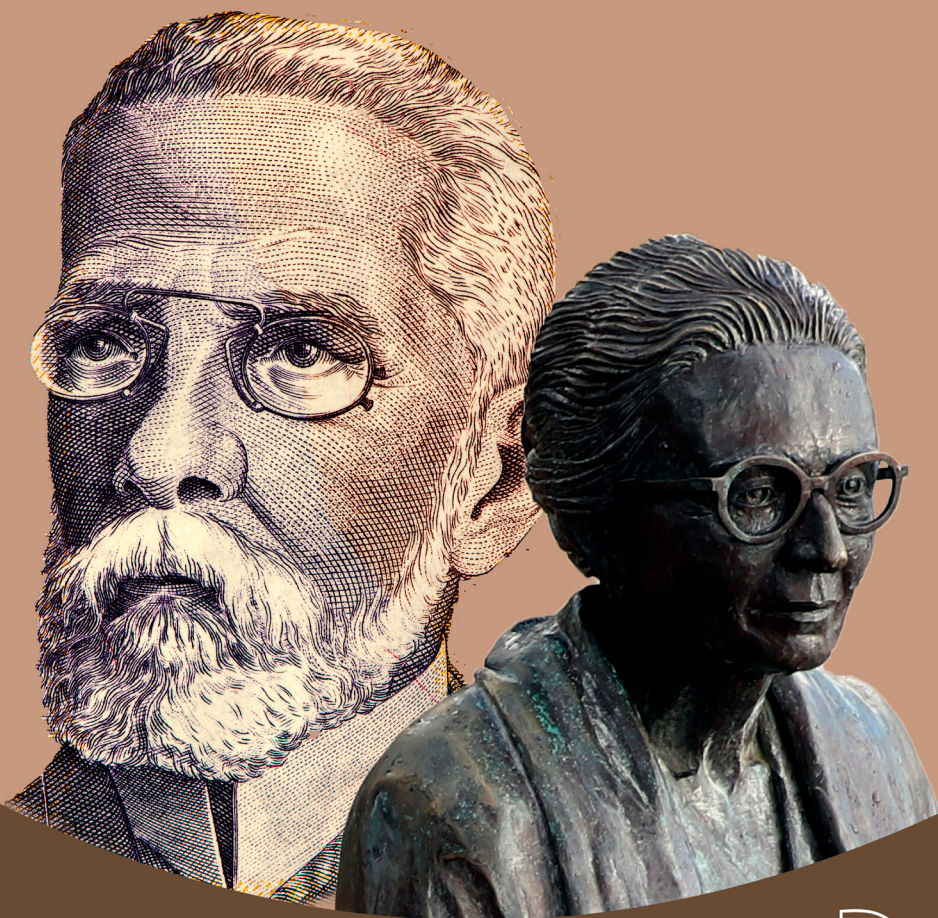


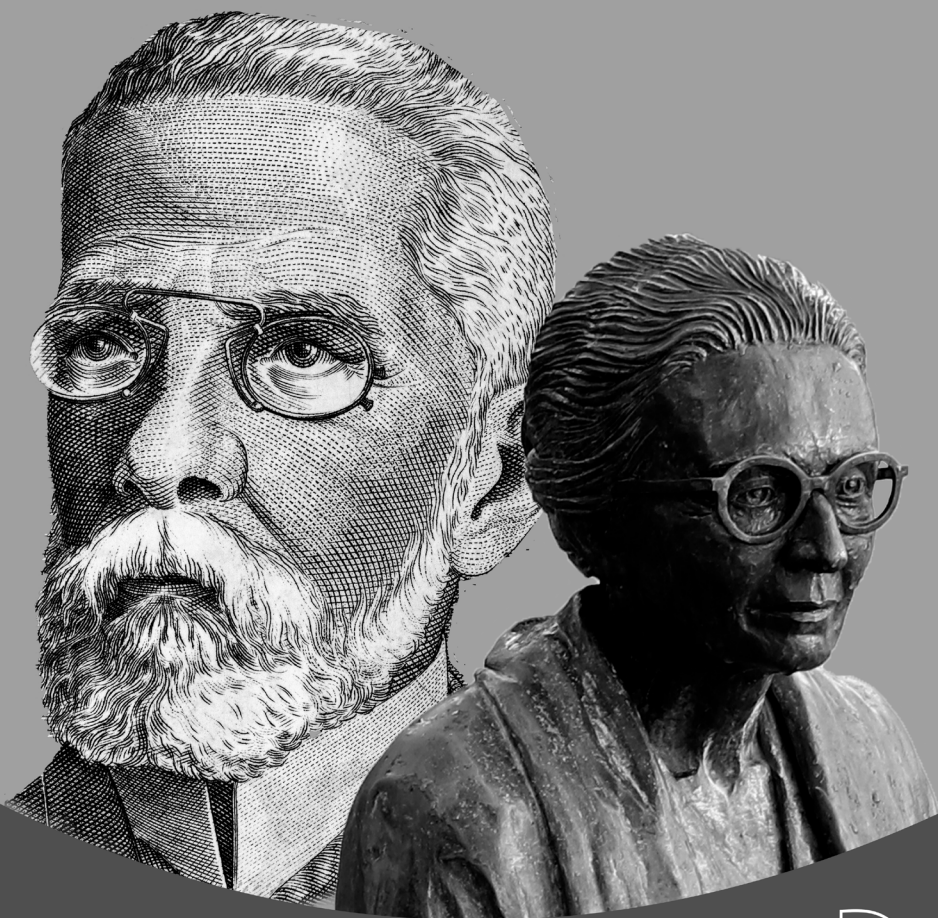
O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil



Everaldo dos Santos Mendes
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil



Everaldo dos Santos Mendes
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

O desenvolvimento científico contemporâneo da psicologia no Brasil

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Everaldo dos Santos Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D451 O desenvolvimento científico contemporâneo da psicologia no Brasil / Organizador Everaldo dos Santos Mendes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-841-0

DOI 10.22533/at.ed.410212302

1. Psicologia. I. Mendes, Everaldo dos Santos (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Shakespeare já sabia que os delírios têm sentido. Aludindo aos desvairados discursos de *Hamlet*, Polonius diz: “Desvario sim, mas tem seu método” (*Hamlet*, ato II, cena ii). Mas naturalmente os homens de ciência nunca escutam os poetas [...]”.¹

Testemunhei, nos últimos dolorosos dias da humanidade — assolados pela pandemia de coronavírus (COVID-19) — o surgimento de um escrito inédito: **O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil**, talhado e esculpido na Atena Editora. Na sua composição mais íntima, contamos com a experiência, pesquisa e práxis pedagógica e esperança de docentes deste “vasto mundo” palavrado Brasil. É como diz João Cabral de Melo Neto, “[...] um galo sozinho não tece uma manhã [...]”.²

Possivelmente no outono de 1928, a fenomenóloga contemporânea alemã Edith Stein — discípula de Edmund Husserl — refletiu na conferência intitulada **Os Tipos de Psicologia e seu Significado para a Pedagogia (De Typen der Psychologie und ihre Bedeutung für die Pädagogik)** que se tomarmos em mãos os manuais de psicologia encontraremos dentro de um mesmo livro diversos capítulos que por objeto e método pouco têm em comum entre eles. Por “psicologia” são designadas direções de investigação muito distintas, procedentes de um modo paralelo desde a Antiguidade e dos quais predominou uma vez um, outra vez outro, de acordo com o momento. Historicamente, Edith Stein distingue três tipos fundamentais: [1] Psicologia metafísica: doutrina da essência da alma. [2] Psicologia empírica: doutrina dos fatos da consciência. [3] Caracterologia: antropologia prática.³

No “contrato social” estabelecido após a Revolução Francesa, o Estado conferiu à ciência o monopólio do fenômeno da loucura. Politicamente, o discurso psiquiátrico — falacioso (*doxa*) — fundou-se no controle da irracionalidade. No Estado de Minas Gerais (Brasil) — em nome da razão — pelo menos 60 mil seres humanos morreram entre os muros do Hospital Colônia de Barbacena, taxados de “loucos”:

[...] 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças.⁴

1 SILVEIRA, Nise. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015, p. 100.

2 MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 345.

3 STEIN, Edith. Los Tipos de Psicología y su Significado para la Pedagogía. In: STEIN, Edith. **Obras completas, IV: escritos antropológicos y pedagógicos [magistério de vida cristiana, 1926-1933]**. vol. 4. Trad. Francisco Javier Sancho, OCD; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido; Carlos Díaz; Alberto Pérez, OCD; Gerlinde Follrich de Aginaga. Vitória: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003.

4 BRUM, Eliane. Prefácio: os loucos somos nós. In: ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro: Genocídio** — 60 mil

No século XX, a Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, regulamentou a profissão de psicólogo(a) no Estado brasileiro. Horizontalmente, aqui-agora, diante dos nossos “olhos de ver”, um tratado de psicologia, diversidade e contemporaneidade, que põe em cena textos sobre a formação-atuação — humanizada — de profissionais de psicologia, desvelada no século XXI. Por fim, #Colôniãuncamais!

Empaticamente,

Everaldo dos Santos Mendes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CLÍNICA PSICANALÍTICA NOS ESPAÇOS PSICOSSOCIAIS: REVISITANDO O CONTEXTO HISTÓRICO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

Alana Gândara de Jesus Ferreira

Danielle Ribeiro Cardoso

Malba Thaã Silva Dias

Henrique Andrade Barbosa

Carla Mendes Santos Teixeira

Laís Lopes Amaral

Laura Lílian Ferreira Silva

Vívian Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.4102123021

CAPÍTULO 2..... 9

A CONSTRUÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS NA DISCIPLINA DE NEUROFISIOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Beatriz Salles Seitz Ramos

Carla Waldeck Santos

DOI 10.22533/at.ed.4102123022

CAPÍTULO 3..... 21

A ESCUTA PSICANALÍTICA E SUA APLICABILIDADE NO CONTEXTO DE UMA INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: REPENSANDO A PRÁTICA COM ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS

Joicy Anne Silva

Gustavo Henrique Dionísio

DOI 10.22533/at.ed.4102123023

CAPÍTULO 4..... 35

A INFLUÊNCIA DOS PRINCÍPIOS CATÓLICOS NA MANIFESTAÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

Bruna Benício Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.4102123024

CAPÍTULO 5..... 46

A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR NA PREVENÇÃO DO BULLYING

Adelice Jaqueline Bicalho

Adriana Mara Pimentel Maia Portugal

DOI 10.22533/at.ed.4102123025

CAPÍTULO 6..... 55

A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E A COISIFICAÇÃO DO HOMEM: UMA BREVE ANÁLISE SOBRE O CENÁRIO BRASILEIRO

Marita Pereira Penariol

DOI 10.22533/at.ed.4102123026

CAPÍTULO 7	60
A PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DA COMARCA DE MALLETT NA DÉCADA DE 60	
Mauro Tadeu de Cena Krampe Júnior	
Hélio Sochodolak	
Eduarda Bruna Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4102123027	
CAPÍTULO 8	69
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AMBIENTE HOSPITALAR E ESTRESSE OCUPACIONAL	
Edina Daiane Rosa Ramos	
Zuneide Batista Paiva	
Mirtes Santos Oliveira	
Regiane Lacerda Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4102123028	
CAPÍTULO 9	79
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA SAÚDE DO ADOLESCENTE: OBESIDADE E CIRURGIA BARIÁTRICA	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Luiz Carlos Bernardino Marçal	
Ana Carolina Carmo Fernandes	
Caroline Palmieri Sampaio	
Millena Duarte Rosa	
Vitória do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4102123029	
CAPÍTULO 10	91
INTERVENÇÃO LÚDICA DE MUSICALIZAÇÃO E JARDINAGEM COM CRIANÇAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Danielle Soraya da Silva Figueiredo	
Tatiele dos Santos Telaska	
Fernanda de Cassia Daneluti Gasparetto Schemuda	
DOI 10.22533/at.ed.41021230210	
CAPÍTULO 11	97
OFICINA COMO INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA DISCUSSÃO SOBRE SAIR DO TEMA DE PESQUISA	
Ricardo Pimentel Mélo	
Thiago Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.41021230211	
CAPÍTULO 12	110
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL PARA OS ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO PARA A INSERÇÃO NO ENSINO SUPERIOR	
Fernanda Lúcia Pereira Costa	
Fernanda Laleska da Silva Fernandes	

Iamara da Silva Pereira
Josefa Lucivânia Feitoza Gonçalves
DOI 10.22533/at.ed.41021230212

CAPÍTULO 13..... 119

O TRATAMENTO DA DEPRESSÃO E ANSIEDADE POR INTERMÉDIO DA HIPNOSE

Maria Márcia Soares
Débora Cunha de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.41021230213

CAPÍTULO 14..... 134

ABORDAGEM MULTIPROFISSIONAL DE VALORIZAÇÃO DA AUTOESTIMA E DO VÍNCULO MATERNO COM GESTANTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Danielle Soraya da Silva Figueiredo
Tatiele dos Santos Telaska
Fernanda de Cassia Daneluti Gasparetto Schemuda

DOI 10.22533/at.ed.41021230214

SOBRE O ORGANIZADOR..... 140

ÍNDICE REMISSIVO..... 141

CAPÍTULO 11

OFICINA COMO INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA DISCUSSÃO SOBRE SAIR DO TEMA DE PESQUISA

Data de aceite: 17/02/2021

Data da submissão: 27/01/2021

Ricardo Pimentel Mélio

Universidade Federal do Ceará
Fortaleza-Ceará
<http://lattes.cnpq.br/9026097374517495>

Thiago Menezes de Oliveira

Universidade Federal do Ceará
Fortaleza-Ceará
<http://lattes.cnpq.br/5776828467957481>

RESUMO: A pesquisa com crianças e adolescentes envolve uma rede de poderes que traz desafios éticos. Seria possível propormos uma pesquisa com esses sujeitos, para que eles pudessem participar e nós, como pesquisadores, não nos direcionássemos ao desvendamento do “mundo infantil”? Nosso problema surge da “invisibilidade” dos saberes das crianças e adolescentes. Procuramos problematizar essa questão com uma oficina que questiona as relações de poder que atravessam os participantes em investigação. O objetivo consistiu em problematizar em que termos uma oficina pôde fornecer elementos de análise para se pesquisar o rigor científico, trazendo visibilidades, de pesquisa-intervenção com crianças e adolescentes. Trata-se de recorte de uma investigação de Mestrado realizada com crianças e adolescentes, no Assentamento Recreio de Quixeramobim/Ceará, em julho de 2013. A “oficina de agenciamento” será nosso foco

de reflexões, por entendermos que nos propiciou potência para o desafio do rigor científico, na pesquisa com crianças e adolescentes.

PALAVRAS - CHAVE: Oficina. Agenciamento. Criança. Adolescente.

WORKSHOP AS INTERVENTION WITH CHILDREN AND ADOLESCENTS: ABOUT GET OUT OF THEME

ABSTRACT: In research with children and adolescents we have to treat with power and ethical challenges. Is it possible search with them without guid us to discovery a “child world”? Our mainly problem emerges from an invisibility of knowledge produced by children and adolescents. Thus we try to problematize power relationship in a workshop with childrens and teenagers. This way we question ourselves about scientific rigor with those populations. This article treats about a cutting master research from Recreio Settlement in 2013 because with it we were capable to question scientific rigor in research with children and adolescents.

KEYWORDS: Workshop. Agency. Child. Adolescent.

1 | INTRODUÇÃO

A pesquisa com crianças e adolescentes, por certo, pressupõe desafios que dizem respeito à proposição e execução da pesquisa, como, por exemplo, à relação com os sujeitos envolvidos e responsáveis legais, à finalidade da investigação e à própria maneira de estabelecer

diálogos com crianças. Cremos que as formas de diálogo profissionais, assim como em pesquisa, devem observar uma ética e política comprometidas com a diferença (Favero & Machado, 2019), na fuga de patologizações de infâncias e adolescências.

Nesse sentido, consideramos que, na investigação com crianças e adolescentes, é posto o problema de como incluir esses sujeitos como participantes da pesquisa. Esse problema advém de uma cultura que inventou supostamente o mundo das crianças, o mundo dos adolescentes e o mundo dos adultos, como se esses mundos fossem produzidos separadamente, supostamente cabendo aos adultos determinar as verdades científicas sobre tais mundos. Logo, por muitos anos, o desafio de pesquisas em ciências humanas era o de desvendar o mundo infantil (Castro, 2008) e/ou dos adolescentes.

No contemporâneo, o desafio de como dialogar em pesquisa nos parece estar muito mais ligado ao rigor científico, concebido como visibilidade (Spink & Lima, 2013), e a uma forma também capaz de gerar algum interesse para as crianças e adolescentes. Entendemos, desse modo, especialmente, porque, desde o final da década de 1980, culminando com a promulgação da Convenção sobre os Direitos da Criança, em 1989, há um movimento internacional que concebe a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, portanto, não mais como objeto (Pinheiro, 2006; Castro, 2001a, 2001b) ou como um ser não humano que adquirirá a humanidade futuramente (Castro, 2008).

Nessa perspectiva, partimos da problemática, apontada por alguns pesquisadores, como a exclusão de crianças e de adolescentes de esferas públicas de discussão (Davies, 2001), único grupo de pessoas interditas formalmente a participar dos poderes constituídos por regimes democráticos (Sarmiento, 2005). Nesse contexto, um caminho para problematizar essa exclusão é indicado: incluir as crianças e adolescentes nos espaços de pesquisas participativas (Davies, 2001; Orofino, 2011; Sarmiento, 2007). Essa inclusão pode contribuir com a equidade na inserção de crianças e adolescentes em esferas públicas, já que se problematiza o chamado direito à participação; porém, as formas e o processo dessa inclusão de crianças e adolescentes nos trazem questões e desafios éticos.

Neste texto, nós nos deteremos em uma experiência inserida no contexto de pesquisa-intervenção, classificada como pesquisa participativa (Aguiar & Rocha, 2003, 2007), a qual utilizou a “oficina” como método de pesquisa. Trata-se, na verdade, de produto da investigação de Mestrado de um dos autores, especificamente de uma oficina com três crianças e dois adolescentes, no Assentamento Recreio, município de Quixeramobim, Ceará – a pesquisa de Mestrado (Oliveira, 2019) centrava-se nas leituras a respeito de desenhos animados e foi finalizada em julho de 2013. Aqui, especificamente, a oficina denominada “oficina de agenciamento” será foco de nossas reflexões, por entendermos que pode nos fornecer potência para o desafio do rigor científico, na pesquisa com crianças e adolescentes.

Assim, para pensarmos a oficina de agenciamento, foi importante delimitar uma noção de experiência, tendo em vista que essa técnica de pesquisa propõe uma experiência

para os pesquisadores e para o grupo de pesquisa. Contudo, o mundo contemporâneo nos permite pouco tempo para parar e experienciar. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” (Bondía, 2002, p. 21). Percebemos que, para esse pesquisador espanhol, a experiência requer parar, pensar, ter paciência para sentir sensivelmente. E o sujeito da experiência é um território de passagem, define-se por sua passividade, receptividade, disponibilidade, abertura. Essa “passividade” é feita de paixão, paciência, atenção – ou seja, a passividade consiste, “porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo.” (Bondía, 2002, p. 24).

Dizemos que trouxemos experiências de crianças e adolescentes, porque eles foram convidados a pensar perguntas e a construir relações, nessa oficina, tentando fugir a um vício identitário (Rolnik, 1997), ou seja, tentando sair da ideia de que esses sujeitos fariam certas coisas previamente determinadas. O desafio era que eles jogassem com a investigação, propondo uma brincadeira, uma pesquisa, uma análise, o que fosse.

O nome dessa oficina advém de uma noção de agenciamento (Cavalcante & Oliveira, 2017) que remonta a constantes acoplamentos, instituídos sob regimes variáveis, estabelecendo relações de conexões e de disjunções, com vistas a produzir determinados efeitos. Para Deleuze e Guattari (1997), agenciar (Souza, 2012) remete a acoplar-se de maneiras distintas ao mundo externo, movimentando-se em territórios. “O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’.” (Deleuze & Guattari, 1997, p. 218). Aqui, a noção de agenciamento¹ é importante, porque as produções em oficina se acoplam a diferentes territórios, sob regimes variáveis.

O que chamamos de oficina de agenciamento refere-se a uma oficina, uma rede de fabricação de sentidos (Spink, Menegon & Medrado, 2014), a qual se conecta de maneiras diferentes com diversos territórios que extrapolam o humano e o não humano. A intenção dessa oficina era problematizar o interesse dos envolvidos na pesquisa sobre o território do tema investigado, isto é, os sujeitos que participaram da pesquisa queriam mesmo conversar sobre desenhos animados? Tratava-se de uma produção fora do tema de pesquisa, por dizer respeito a uma problematização ética sobre o rigor científico do próprio fazer pesquisa. Em outras palavras, essa oficina teve o objetivo de se aproximar de alguns usos da pesquisa pelas crianças e adolescentes. Assim, buscávamos investigar alguns assuntos que poderiam fugir do disciplinamento do tema de pesquisa, ao tentar eticamente considerar, de algum modo, o “fora do tema”.

Como diz Guattari (1987), em família ou na escola, normalmente se reprime a criança fora do tema. É preciso estar sempre no assunto, na linha, mas o desejo, por sua própria natureza tem sempre a tendência de sair do assunto, sair do tema e derivar. Se nos permitirmos essa escuta da criança, quer dizer, nos deixarmos ser orientados a partir do desejo que ela expressa na palavra fora do tema, podemos, certamente, com ela, construir uma outra

¹ Para aprofundamento no conceito de agenciamento, indicamos Deleuze e Guattari (1997).

compreensão do seu próprio texto, ou melhor, ir ao encontro do subtexto presente em qualquer ato de fala, deixando revelar tudo aquilo que se esconde no contexto da aparência enganosa da realidade. (Jobim & Souza, 1994, p. 65).

Ao invés de problematizar as causas da expressão “fora do tema”, procurávamos nos aproximar de quais assuntos as crianças e adolescentes estavam interessados em usar, na pesquisa. No nosso caso, tentamos identificar alguns territórios agenciados por crianças e adolescentes conosco e com os outros meios com que elas interagiam.

Nesse sentido, vamos situar o porquê de a pesquisa-intervenção com crianças e adolescentes dever pensar as relações de poder entre os sujeitos da pesquisa, apresentar a oficina como um modo de intervir e, por fim, analisar a oficina de agenciamento que realizamos, no Assentamento Recreio.

2 I A PESQUISA-INTERVENÇÃO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A pesquisa-intervenção parece uma possibilidade para examinar a relação de poder, numa investigação que envolve adultos e crianças e adolescentes, já que ela se propõe construir uma relação que almeja considerar a importância dos conhecimentos produzidos por todos os sujeitos participantes da pesquisa.

Ressaltamos que nos apropriamos da pesquisa-intervenção, nos termos de Aguiar e Rocha (2003, 2007), buscando analisar qualitativamente as produções de conhecimentos, tendo em vista questões trazidas pela micropolítica (Foucault, 1979). Implica dizer que ganham relevo as relações entre todos os sujeitos da pesquisa, em suas assimetrias e interesses diversos.

Como nosso foco é pensar o rigor científico da pesquisa-intervenção, com base numa oficina com crianças e adolescentes, é importante que estejamos atentos para o fato de que

[...] a pesquisa-intervenção descortina um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. Em relação ao campo da infância e da juventude, isso quer dizer que a construção de pesquisas com crianças e jovens, e não sobre elas, determina de modo irretroatável o modo de investigação. Pesquisar crianças e jovens, ou com crianças e jovens, implica diretamente uma reflexão sobre a posição do investigador, sua relação assimétrica – em todos os sentidos – em relação aos pesquisados, e sobre os efeitos de tal assimetria no fazer da pesquisa. (Castro & Besset, 2008, p. 11).

Em outras palavras, a pesquisa-intervenção deve atentar para as “posições” assimétricas entre crianças e adultos. Por isso, é essencial destacarmos alguns agenciamentos e interesses nossos, na produção de conhecimentos, pois estes têm um caráter estratégico, uma vez que o conhecimento, dado seu caráter polêmico e estratégico, é “em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo” (Foucault, 2003, p.

25). Alguns interesses da pesquisa, por óbvio, devem estar explícitos, mas é procurando articular eticamente o que se investiga e como se investiga que é relevante expor algumas das implicações dos pesquisadores. Compreendemos que se trata de uma postura ética o expressar as implicações, numa busca do proceder “científico em ciências humanas”.

Kátia de Aguiar e Marisa da Rocha (2003) argumentam que a pesquisa-intervenção se preocupa com o papel do investigador, na relação entre “pesquisador” e “pesquisando”. É a dimensão relacional, sempre em processo, dos agentes da pesquisa.

“A pesquisa-intervenção consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividade na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico” (Aguiar & Rocha, 2003, p. 66), e, entendemos, sendo adequada para se criar a discussão sobre a relação de poder em investigação científica com crianças e adolescentes.

Para Foucault, “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força.” (1979, p. 173). Assim, o poder é sempre uma relação.

Lúcia Rabello de Castro argumenta, por exemplo, que, historicamente, numa pesquisa que envolvesse crianças, ao adulto cabia descrever e explicar os “processos relativos a uma natureza distinta e supostamente inferior” (2008, p. 24) delas. O processo de investigação, diz a pesquisadora, deveria desvelar e descobrir as diferenças “essenciais” entre adultos e crianças, prescrevendo e “naturalizando” um *status* inferior às crianças e adolescentes. Na pesquisa com crianças e adolescentes, deve-se considerar que a entrada no chamado campo de pesquisa já é uma intervenção, pois há uma nova composição de forças nas redes de interações, porque novos atuantes surgem à baila, como a criação de encontro com pesquisadores, com a câmera, com gravador etc. É importante destacar que, para Spink, Medrado e Mélllo (2014), atuante é tudo aquilo que possui agência, que é capaz de produzir efeitos, transformação ou desvios, sendo, então, qualquer coisa capaz de atuar ou modificar a ação, independentemente de serem humanos ou não humanos.

Se o campo contiver grupos de crianças ou adolescentes, a chegada de um adulto enseja diversos atuantes, os quais alteram as relações anteriores, seja criando elos aparentemente inexistentes, seja propondo novas experiências com potência de alterar os elos. No nosso caso, trata-se da chegada ao campo no Assentamento Recreio, Quixeramobim, interior do Ceará.

Ademais, pensamos que, na pesquisa-intervenção, a oficina pode ser um método utilizado – e mesmo central –, porque ela dispara processos que podem ser analisados a partir de produções em redes, fabricados e negociados coletivamente. Assim, foi com as oficinas que buscamos nos aproximar das produções de crianças e adolescentes.

3 I A INTERVENÇÃO PELA OFICINA

Creemos que as oficinas são redes de fabricação de sentidos com potencial crítico de produção e negociação coletiva de sentidos, consistindo em *locus* privilegiado de análises sobre a produção de jogos de verdade² e de processos de subjetivação (Spink, Menegon & Medrado, 2014). Como procuramos investigar o rigor científico em pesquisa com crianças e adolescentes, a oficina foi uma estratégia metodológica potente, de sorte a nos aproximarmos dos jogos de constituição de verdade com esses sujeitos, de maneira lúdica.

Para Spink, Menegon e Medrado (2014, p. 33), as oficinas são compreendidas como “ferramentas ético-políticas privilegiadas, pois propiciam a criação de espaços dialógicos de trocas simbólicas e a construção de outras possibilidades de sentidos acerca das temáticas discutidas.” Logo, parece razoável compreender que as oficinas têm a potência de criar espaços participativos e até mesmo democráticos.

Assim, as oficinas se guiam basicamente por três vetores (Spink, Menegon & Medrado, 2014): 1) foco – herdado do “grupo focal”, procura tematizar determinado tema na constituição do grupo; 2) plasticidade – produz algo de forma criativa, advindo das “dinâmicas de grupo”, as quais caracterizadas por uma multiplicidade plástica das práticas discursivas; e 3) político – trazido das “rodas de conversas” e apropriado hoje como uma possibilidade de transformações micropolíticas na produção de outros sentidos e na experiência da diferença. As formas discursivas podem ser compostas por procedimentos criativos, que permitem expressões artísticas, corporais, falas, contextos, escolhas, entre outras produções sociais.

Entendemos, então, que o uso da oficina viabiliza as expressões discursivas, tendo em vista que convida os participantes a conversarem do modo mais informal possível sobre o tema (Silva & Ribeiro, 2019). As formas discursivas partilhadas favorecem ambiência mais leve e criativa, o que justifica nossa escolha e a viabilidade desse método na pesquisa realizada com crianças, inclusive no Assentamento Recreio.

Na investigação feita no Assentamento Recreio, iniciamos observações³ num período de três meses, com visitas quinzenais, durante os anos de 2012 e 2013, como parte da pesquisa de Mestrado de um dos autores. Nesse período, convidamos um grupo de três crianças e dois adolescentes, na faixa etária mais ou menos entre 10 e 12 anos completos, para participar da nossa pesquisa sobre leituras de desenhos animados, a qual previa um total de cinco oficinas (com foco, plasticidade e observando as relações micropolíticas). Uma oficina específica teve uma potência que não pôde ser explorada na ocasião da escrita da Dissertação: a que chamamos de oficina de agenciamento. Nesta

2 Jogos de verdade são práticas mediadas por jogos de poder que produzem práticas de si, definindo possibilidades de condição de existência, de expressão, de fala, de saber (Foucault, 2012; Spink, Medrado & Mélo, 2014).

3 Sabemos que toda observação, além de ser implicada, nunca neutra, estabelece interlocuções com a dinâmica cartografada (Lima & Mélo, 2013).

oficina de agenciamento, foram as três crianças e os dois adolescentes que estruturaram o pensamento e organizaram tal encontro (nos termos que eles quisessem). Essa oficina de agenciamento compõe o *corpus* empírico deste artigo.

Nosso interesse era o de nos aproximar de alguns agenciamentos que as crianças e adolescentes fariam, no processo de pesquisa fora do tema proposto. Ou seja, por mais que a pesquisa fosse sobre as leituras de crianças e adolescentes sobre desenhos animados, esse encontro conduzido por eles, se realmente houvesse, poderia permitir que as crianças saíssem do tema.

Assim, as crianças e adolescentes fizeram uso de uma oficina, conforme suas experiências, entendimentos, desejos e decisões – consideramos que essa gama de experiência dizia respeito tanto à pesquisa como às experiências alheias. Eles decidiriam entre si, por exemplo, quem convidariam para a oficina, o que seria o lanche, como seriam os momentos da oficina.

4 | O ACONTECER DA OFICINA DE AGENCIAMENTO

As crianças e adolescentes nos cobraram informações e explicações sobre como seria essa oficina que eles supostamente deveriam concretizar. Dissemos que, se realmente quisessem fazer, eles deveriam fazer do jeito que quisessem. Pedimos apenas que, caso precisassem de algum material, eles nos avisassem para podermos providenciar, bem como o que deveríamos comprar de lanche, se houvesse, durante ou depois da oficina – o lanche nas oficinas conduzidas pelos pesquisadores era ao seu término.

Na penúltima oficina que realizamos sobre as leituras das crianças e adolescentes acerca dos desenhos animados, uma criança e um adolescente apressaram-se em correr ao redor da casa e chamar outra menina para a brincadeira de “pega”. Era uma alegria só – e essa menina nos confessara, baixinho e com um larguíssimo sorriso, que era a primeira vez que faltava à aula no ano. “Estou tão feliz!”

Não tardou muito. Vieram os gritos de mãe dessa menina: “Se vocês terminaram, vão tudo para a escola!” A menina rapidamente, seguida dos outros dois que iniciaram a brincadeira, vieram em nossa direção – estávamos parados no alpendre, escrevendo impressões sobre a oficina e olhando vez ou outra para as correrias e sorrisos. A menina disse, em resposta a sua mãe: “A gente num acabou não, mãe. Tem que fazer a oficina. Né, Thiago?” Concordei prontamente. Pensei inclusive que a proposta de construir a oficina na minha presença poderia ter vantagem. Além de poder me dar mais elementos de análise, achei que poderia ser um estímulo para a oficina acontecer.

Na verdade, parece que foi para não ter que assistir a uma aula que eles resolveram aceitar esse convite de pensar a oficina. Decidiram que apresentariam uma música, fariam uma salada de frutas, pediram-me a câmera e me chamaram para ir com eles à casa das crianças convidadas – todas crianças mais novas, entre 4 e 7 anos de idade.

No início da pesquisa, dissemos para os convidados que eles eram copesquisadores, porque criariam conceitos comigo e porque, sem eles, a pesquisa não poderia acontecer. Apesar de não adotarmos a metodologia sociopoética, de onde vem essa noção de copesquisador, consideramos fundamental a denominação das pessoas envolvidas num processo de pesquisa como copesquisadores (Gauthier, 1999; Cavalcante, 2011), pois se destaca que os envolvidos no processo investigativo são importantes agentes, atuantes, na produção e análise da investigação.

Essa ideia de ser copesquisador foi agenciada por uma adolescente, a qual, já na apresentação da oficina, anunciou: “Olha, aqui, nós somos copesquisadores e queremos desenvolver em vocês o desenho, o desenho animado na infância.” Essa fala confere uma conotação de seriedade à oficina que eles conduziram e os reterritorializa no tema da investigação que estávamos desenvolvendo. Os copesquisadores não eram quaisquer crianças e adolescentes: eles eram sujeitos que vivenciaram o rito de passagem e se tornaram copesquisadores de um tema específico.

Entendemos que a passagem para o *status* de copesquisador deve ter vindo quando os copesquisadores entregaram os *Termos de consentimento pré-informado*, momento quando enfatizamos: “Pronto, agora vocês são oficialmente copesquisadores.” Houve brincadeiras posteriores entre outros pares não copesquisadores: “Como é o nome que tu disseste que eu sou, quando entreguei o papelzinho?” “Copesquisadora oficial.” “Num disse!” (a criança reafirmou, olhando para o primo).

Esse foi um *status* que, ao que parece, pode ter nos aproximado das crianças e pode tê-las afastado das crianças convidadas. Pode ter nos aproximado, porque eu era pesquisador e elas, copesquisadoras. Ou seja, elas faziam algo análogo ao que eu fazia. Simultaneamente, isso pode tê-las distanciado das crianças convidadas não copesquisadoras, porque estas não tinham *status* na pesquisa, não faziam nada daquilo que eu e o grupo da pesquisa fazíamos. As crianças convidadas pelas copesquisadoras eram todas mais novas e, destacadamente, não tinham vivido o rito de passagem da pesquisa.

Subjaz a territorialização na pesquisa e num discurso comum do lugar do “professor que vai ensinar, desenvolver habilidade em alguém”, como podemos apreender, pelo discurso de “somos copesquisadores e vamos desenvolver em vocês um tema específico”. Se, por um lado, compusemos um sujeito adulto que coordena uma pesquisa com crianças, parece que, por outro, a relação de poder desse grupo foi reterritorializada em outro grupo composto por copesquisadores crianças e adolescentes, os quais coordenaram um grupo de crianças mais novas.

Ademais, é certo que houve também processos de desterritorialização. Ficou patente que os copesquisadores têm interesses outros na pesquisa: brincar. Brincar, posando para fotos, chamando os amiguinhos para brincar juntos para posar na foto ou brincar de pega. “Nós vamos fazer uma brincadeira muito...”. Aquilo que denominamos

oficina de agenciamento os copesquisadores e crianças mais novas passaram a chamar de brincadeira.

Os copesquisadores, na preocupação de tentar ensinar as crianças convidadas, usaram micropenalidades, explícitas – pedidos de calma, de atenção, para esperarem e para não insultarem o colega; ordens de silêncio, de ficarem parados ou de manterem as mãos longe do rosto; ameaças de não ganharem bombom, de levarem “cascudo”, de dizerem ao pai e de saírem da brincadeira – e implícitas. Sobre as micropenalidades, Foucault afirma que,

[n]a oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis a conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (2010, p. 172).

Na oficina de agenciamento, as ameaças envolviam olhares de soslaio, ironias, gritos, tons de voz mais elevados, mãos na cintura, “shhh” ou indicações com as mãos. Assim, havia certo controle disciplinar entre os copesquisadores e os convidados, na brincadeira, pois o brincar era coisa séria e havia um modo disciplinado, na coordenação dos copesquisadores.

Podemos apontar que a noção de controle disciplinar atua numa rede de relações de poder. Conforme Foucault, a disciplina permite aumentar a aptidão do corpo, o qual é alvo de poder,

[...] que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. . . . A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (Foucault, 2010, p. 132-134).

Logo, compreendemos que a disciplina emprega o horário como um dos elementos do controle da atividade. Busca-se, com o uso desse mecanismo de controle, anular a distração, dividindo-se o tempo em atividades que são executadas imediatamente em resposta às ordens de sinos ou sirenes nas escolas, prisões ou fábricas.

Na avaliação sobre a oficina de agenciamento ou sobre a brincadeira com os convidados, os copesquisadores declararam que nada precisava melhorar. Eles apontaram,

como pontos negativos, as suas brincadeiras e as desorganizações – fora da disciplina.

Uma das copesquisadoras disse ter gostado, porque tirou foto, brincou e conheceu coisas novas. Mais uma vez, apareceu a apropriação da pesquisa como brincadeira. Achou ruim a desorganização dos copesquisadores, especialmente porque sentiu que outra copesquisadora ocupou o seu lugar, na brincadeira da cozinha.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina se constituiu como uma potente estratégia de pesquisa para criar espaços de discussão, com possibilidade de analisar a teia de relações de poder estabelecida nas interações dos participantes. Dessa maneira, foi importante pensar as oficinas no plural, como processo-chave para a pesquisa-intervenção, já que permitiu a configuração de relações sociais expressas pelo grupo.

Quanto à oficina de agenciamento, as brincadeiras e “desorganizações” dos copesquisadores ensinaram que eles não ficassem no assunto, facilitando o aparecimento dos territórios dos agenciamentos, com seus movimentos de territorializações, reterritorializações e desterritorialização.

Se, por um lado, as crianças e os adolescentes se reterritorializaram num *status* que o processo de pesquisa criou, por outro, eles se desterritorializaram para a condução de uma oficina onde puderam brincar essencialmente fora do tema que a investigação propunha.

Logo, pudemos perceber que a denominada oficina de agenciamento foi, em alguma medida, um parâmetro ético, porque pôde produzir verdades que fugiram ao nosso controle, seja numa reterritorialização do uso da pesquisa, seja numa desterritorialização do assunto investigado, pois a oficina de agenciamento pareceu nos apontar que houve uma relação de aparente redução da hierarquia dos chamados copesquisadores, o que, como pesquisadores, nos aproximou deles. Contudo, essa mesma oficina revelou que o uso desse *status* de copesquisador pelos sujeitos crianças e adolescentes foi reterritorializado numa relação de poder, a qual, aparentemente, reproduzia a relação hierarquizada entre pesquisadores e pesquisados.

Por óbvio, numa pesquisa participante com crianças e adolescentes, buscamos reduzir um pouco nosso poder e horizontalizar mais as relações, numa perspectiva de tentar nos aproximar de uma isonomia material, igualdade substancial ou aristotélica. Essa tentativa expressa pelo *status* de copesquisador apontou agenciamentos diversos, os quais: 1) se desterritorializaram na relação de poder com os pesquisadores – fato que, inicialmente, nos deixou envaidecidos, por aparentemente termos conseguido alguma relação anárquica na pesquisa; 2) se reterritorializaram numa relação de poder, com as crianças não copesquisadoras, mais do tipo professoral (de alguém que vai ensinar) – fato que também pode estar relacionado com a própria dinâmica da pesquisa que se pretendeu

participante, derrubando nosso envaidecimento anárquico; e 3) revelaram uma fuga do tema, para se acoplar ao uso das brincadeiras pelas crianças e adolescentes.

Por fim, a oficina de agenciamento serviu de parâmetro ético para problematizarmos a própria participação dos sujeitos envolvidos, especialmente porque, na ausência dessa oficina, certamente não poderíamos ter ideia de que o *status* criado de copesquisadores, para as crianças e adolescentes – aparentemente horizontalizador na relação com os pesquisadores adultos –, foi, em alguma medida, reterritorializado numa relação de poder hierarquizada com as crianças mais novas não copesquisadoras.

Destarte, quer com uma oficina de agenciamento, quer com outro método, pensamos ser importante que a pesquisa-intervenção e mesmo qualquer pesquisa de cunho participante criem mecanismos de visibilidade, nos quais a própria investigação possa problematizar a complexa rede de relações de poder que envolve a pesquisa com crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

Aguiar, K. F., & Rocha, M. L. (2003). Pesquisa-Intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, 23(4), 64-73.

Aguiar, K. F., & Rocha, M. L. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: Referenciais e dispositivos em análise. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, 27(4), 648-663.

Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 19(2), 20-28.

Castro, L. R. (2001a). Consumo e infância barbarizada: ¿Elementos de la modernización brasileña? In L. R. Castro (Org.). **Infancia y adolescência en la cultura del consumo**. Buenos Aires/México: Lumen/Hvmanitas.

Castro, L. R. (2001b). Introducción: Infancia y adolescencia hoy. In L. R. Castro (Org.). **Infancia y adolescência en la cultura del consumo**. Buenos Aires/México: Lumen/Hvmanitas.

Castro, L. R. (2008). Conhecer, transformar(-se) e aprender: Pesquisando com crianças e jovens. In L. R. Castro, & V. L. Besset (Orgs.). **Pesquisa-Intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Tarepa/FAPERJ.

Castro, L. R., & Besset, V. L. (2008). Pesquisa-intervenção na infância e juventude: Construindo caminhos. In L. R. Castro, & V. L. Besset (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Tarepa/FAPERJ.

Cavalcante, D. F. M., & Oliveira, T. M. (2017). Pesquisa-intervenção com crianças camponesas e o agenciamento maquínico. In B. Guedes, & A. Alcântara (Orgs.). **Comunicação e infância: Processos em perspectiva**. São Paulo: Pimenta Cultural.

Cavalcante, J. A. M. (2011). **Sociopoetizando a participação nos entrelugares de crianças e adultos/as conselheiros/as do orçamento participativo de Fortaleza-CE**, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza.

Davies, M. M. (2001). **Dear BBC: Children, television storytelling and public sphere**. (1a. ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Deleuze, G., & GUATTARI, F. (1997). **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. (5a ed., P. Pál Pelbart e J. Caiafa, trad.). São Paulo: Ed. 34.

Favero, S. R., & Machado, P. S. (2019). Diagnósticos benevolentes na infância: Crianças trans e a suposta necessidade de um tratamento precoce. **Revista Docência e Cibercultura** (Redoc), Rio de Janeiro, 3 (1), 102-126.

Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. (R. Machado, org. e trad.) Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2003). **A verdade e as formas jurídicas**. (R. C. M. Machado e E. J. Morais, trad.). Rio de Janeiro: Nau.

Foucault, M. (2010). **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. (3a ed., R. Ramallete, trad.) Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. (2012). **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. (13a ed., M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, trad.). Rio de Janeiro: Graal.

Gauthier, J. (1999). **Sociopoética: Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação**. Rio de Janeiro: Escola Anna Nery/UFRJ.

Jobim e Souza, S. (1994). **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus.

Lima, M. L. C., & Mélo, R. P. (2013). Algumas considerações sobre os homens no contexto da violência contra a mulher. **Psicologia Argumento**, Curitiba, 31(74), 425-435.

Oliveira, T. M. (2019). **Vida de crianças como obra de arte: Produção sem terrinha com os desenhos animados**. Beau Bassin: Novas Edições Acadêmicas.

Orofino, M. I. (2011). Crianças, recepção e imaginários do consumo. **Anais do Encontro da Compós - Grupo de Trabalho Recepção, Usos e Consumos Midiáticos** – UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil, XX.

Pinheiro, Â. A. A. (2006). **Criança e adolescente no Brasil: Por que o abismo entre a lei e a realidade**. Fortaleza: Editora UFC.

Rolnik, S. (1997). Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização. In D. Lins (Org.). **Cultura e subjetividade: Saberes nômades**. Campinas: Papirus.

Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, 26(91), 361-378.

Sarmiento, M. J. (2007). Visibilidade social e estudo da infância. In V. M. R. Vasconcellos, & M. J. Sarmiento (Orgs.). **Infância (In)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin.

Silva, N. S., & Ribeiro, M. A. T. (2019). E por que não cair de paraquedas? A ação conjunta nos CRAS. In B. Medrado, & M. M. Teti (Orgs.) Problemas, controvérsias e desafios em Psicologia Social. Porto Alegre: Abrapso.

Souza, P. (2012). Agenciar. In T. M. G. Fonseca, M. L. Nascimento, & C. Maraschin (Orgs.). **Pesquisar na diferença**: Um abecedário. Porto Alegre: Sulina.

Spink, M. J., & Lima, H. (2013). Rigor e visibilidade. In M. J. Spink (Org.). **Práticas discursivas e produções de sentidos cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein.

Spink, M. J., Medrado, B., & Mélo, R. P. (2014). Vinte e cinco anos nos rastros, trilhas e riscos de produções acadêmicas situadas. In M. J. Spink, J. Brigagão, V. Nascimento, & M. Cordeiro (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social**: Compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein.

Spink, M. J., Menegon, V. M., & Medrado, B. (2014). Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade**, *26*(1), 32-43.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 21, 22, 24, 30, 33, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 107, 110, 113, 114, 115
Adolescentes 21, 22, 23, 24, 25, 27, 31, 33, 47, 48, 52, 79, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 110, 111, 112, 115, 116, 119, 121
Agienciamento 6, 7, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 105, 106, 107
Ambiente Hospitalar 69, 70, 71, 72, 75, 76
Ansiedade 48, 71, 84, 85, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133
Aprendizagem 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 19, 20, 35, 47, 50, 51, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 123
Avaliação psicológica 18, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 89, 90
Avanço Tecnológico 111

B

Bullying 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 81

C

Catolicismo 36, 37
Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) 2
Classificação Internacional de Doenças (CID-10) 126
Coisificação do homem 55, 57
Comportamento Infantil 91
Conjuntura Sócio-Política Brasileira 56
Conselho Nacional da Saúde 10
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) 10
Criança 5, 18, 26, 28, 30, 31, 33, 37, 40, 49, 53, 81, 92, 93, 97, 98, 99, 103, 104, 108
Crise do trabalho 55
Cristianismo 37, 44

D

Depressão 48, 50, 52, 54, 71, 82, 84, 85, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133
Diagnóstico Organizacional 69, 72
Distúrbios 71, 77, 85, 86, 124
Doenças 71, 77, 78, 81, 88, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126
DSM-V 127

E

Ensino 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 50, 51, 52, 78, 91, 92, 93, 95, 96, 110, 111, 114, 115, 117, 118

Estresse 48, 57, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 87, 90, 120, 126

F

Franco Basaglia 2

G

Gênero 35, 36, 39, 43, 44, 45, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 82, 119

H

Hipnose 119, 120, 121, 122, 123, 129, 130, 131, 132, 133

I

Igreja 36, 38, 39, 40, 41

J

Jogos educativos 9, 11

Jornada Mundial de Saúde Mental 120

L

Liberdade 1, 2, 12, 21, 22, 23, 24, 39, 40, 42, 44, 49, 58, 61, 63, 112

Loucura 5, 1, 2, 3, 5, 30, 56

Ludicidade 92

M

Maria Madalena 38

Masculinidade 44, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Metodologias Ativas 9, 11, 12, 16, 18, 19

Ministério Público 22

Musicalização 91, 94, 95

N

Neurofisiologia 9, 11, 14, 16, 17, 18, 19

O

Obesidade 79, 80, 81, 82, 83, 84, 87, 88, 89, 90

Oficina 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107

Orientação Profissional 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118

P

Políticas Públicas 38, 55

Precarização do trabalho 55, 56, 57

Prevenção 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 81, 88

Processos-crime 60, 61

Produção de humanização 55

Profissional da área de saúde 69

Psicanálise 1, 2, 3, 7, 8, 21, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 44, 123, 133

Psicofísica 10

Psicologia 2, 5, 6, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 33, 34, 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 54, 69, 72, 76, 79, 83, 86, 89, 90, 96, 107, 108, 109, 110, 117, 118, 119, 121, 133, 140

R

Reforma Psiquiátrica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7

S

Saúde Mental 1, 3, 5, 6, 7, 8, 23, 28, 80, 88, 120, 125

Sistema Único de Saúde (SUS) 13

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo da Psicologia no Brasil

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

O Desenvolvimento Científico Contemporâneo **da Psicologia no Brasil**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021